



POEIRA, LAMA, FÉ E ESPERANÇA

DEDICATÓRIA

**ESTE LIVRO É DEDICADO A TODAS AS PESSOAS QUE DE ALGUMA FORMA
CONTRIBUIRAM PARA O ESTABELECIMENTO E CONTINUIDADE DO TRABALHO DA
IGREJA METODISTA EM MARINGÁ**

Roberto Barbosa Bazotte - Autor

SUMÁRIO

Apresentação	3
Capítulo 1: Poeira, lama, fumaça e escuridão	4
Capítulo 2: A Construção do Templo	8
Capítulo 3: A Escola Dominical	14
Capítulo 4: A Sociedade Metodista de Senhoras	22
Epílogo	27
Agradecimentos	29
Informações complementares	30

APRESENTAÇÃO

No ano de 2007 nossa igreja comemorou os 60 anos do início oficial de suas atividades em Maringá.

Assim como Maringá “já existia como cidade” antes de 10 de Maio de 1947, nossa igreja já existia como uma pequena comunidade antes da data oficial do início de suas atividades, mais especificamente o dia 08 de Julho de 1947.

Para comemorar os 60 anos em Maringá a igreja programou uma serie de atividades, uma das quais a organização de um histórico deste período que deveria ser apresentado no formato de uma palestra sob minha responsabilidade.

O problema era como organizar e compilar um volume imenso de informações em uma apresentação de apenas uma hora.

Percebendo a impossibilidade de realizar um trabalho completo diante do exíguo espaço de tempo disponível optei por relatar apenas os 15 primeiros anos de atividade da igreja (1951-1964) tendo como textos básicos: 1. **“Livro de atas e Balancetes da Junta de Construção da Igreja Metodista do Brasil, Paróquia de Maringá: 08/08/1951 a 01/08/1956”**; 2. **“Livro de Atas do Conselho de Obreiros da Escola Dominical: 17/06/1951 - 22/03/1964”**. 3. **“Livro de atas da Sociedade Metodista de Senhoras: 04/03/1951 - 05/08/1962”**.

A tarefa parecia a principio enfadonha, mas mal iniciei a leitura, começando pelo “Livro de atas e Balancetes da Junta de Construção da Igreja”, fui surpreendido pela coragem e disposição de apenas três pessoas, levando adiante o difícil empreendimento de erguer o primeiro templo de nossa igreja em Maringá.

Ao ler o “Livro de Atas do Conselho de Obreiros da Escola Dominical” fiquei encantado com a organização, dinamismo e seriedade com que era conduzido o ensino: do berçário à classe de adultos, passando pelas classes de crianças, juvenis e jovens.

Mas o melhor ainda estava para vir. Ao fazer a leitura do “Livro de atas da Sociedade Metodista de Senhoras” encontrei um grupo de “mulheres virtuosas” cuja fé e esperança foi maior que as agruras de nossa Maringá dos anos 50/60, onde a poeira, a lama, a fumaça, e a falta de iluminação faziam parte do dia a dia.

Após cinco anos da primeira leitura destas atas, retornei a este material com a intenção de extrair algumas porções que julguei interessantes e que tenho grande satisfação de compartilhar com o leitor.

O texto encontra se dividido em quatro capítulos, três dos quais trata da história da igreja em seus primeiros 15 anos.

O texto não foi escrito visando despertar um melancólico saudosismo, mas mostrar para esta e futuras gerações o quanto podemos aprender com uma pequena comunidade evangélica onde a fé e a esperança venceram a poeira e a lama.

CAPÍTULO 1: POEIRA, LAMA, FUMAÇA E ESCURIDÃO

“Poeira, lama, fumaça e escuridão”. Teriam estas palavras sido extraídas de livro de Apocalipse? Não, estamos nos referindo à Maringá dos anos 40, 50 e 60.

Quem anda pelas amplas e arborizadas avenidas de nossa cidade e desconhece nossa história não tem a menor idéia de como era Maringá a 50 ou 60 anos atrás.

Famosa por sua fertilidade, a terra vermelha do norte do Paraná, atraiu imigrantes de todo Brasil e de diversas partes de mundo. O povoamento de Maringá começou pela zona rural por volta de 1938, sendo feito predominantemente por paulistas, mineiros, nordestinos e imigrantes (italianos, portugueses, espanhóis, japoneses, alemães, ucranianos, poloneses e libaneses).

Estes desbravadores, em um primeiro momento, compravam um lote no meio da mata e depois vinham desmatando suas terras, construindo precários barracos de palmitos e, mais tarde, residências definitivas, com a própria madeira que haviam derrubado e formando suas lavouras. As pessoas menos favorecidas continuavam morando nos ranchos improvisados feitos de lascas de palmito, chão batido e coberta com tabuinha ou folhas de palmitos, colocadas de forma a evitar goteiras de chuva.

O desmatamento da região se deu de forma tão acelerada que em um período relativamente curto nossa geração pode testemunhar a transformação da densa mata atlântica em prósperas cidades rodeadas por incontáveis propriedades agrícolas.

Nos locais ainda não desmatados era possível encontrar onças, cobras, macacos, pacas, tatus, tamanduás, cervos, catetos, capivaras, quatis, queixadas, antas, macucos, nambus, papagaios, araras, periquitos, jaburus, arapongas, jacus, etc. Nesta época, em função da proximidade da mata eram comuns picadas de insetos peçonhentos e cobras.

Já na área urbana, no dia 10/11/1942, a Companhia de Terra do Norte do Paraná (CTNP), hoje conhecida como “Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná” lançou a pedra fundamental de Maringá por ocasião da inauguração do Hotel Maringá, no Maringá velho, quando iniciou a venda de lotes urbanos. Assim, no início da década de 40, começaram a ser erguidas no Maringá velho as primeiras edificações urbanas.

A primeira porção a ser aberta, com machados, foices e enxadões foi na Avenida Brasil entre a Avenida São Paulo e o restaurante Fim da Picada.

Na cidade predominavam as casas de madeira, sem pintura, com tábuas serradas manualmente, construídas em uma clareira, ou seja, em um local em que se derrubavam árvores e construíam as casas, tendo como limite, uma parede de árvores altas.

Nesta época, caminhões traziam as mudanças dos imigrantes. Segundo relato do pioneiro Antenor Sanches, em 1946, o comerciante Napoleão Moreira da Silva, pagou um homem para contar quantas famílias chegavam por dia em Maringá. Segundo Antenor Sanches, ele chegou a contar em um único dia, 302 famílias.

O principal fluxo de imigrantes era constituído, além dos caboclos desmatadores, de pessoas que trabalhavam na lavoura (peões, empreiteiros, sitiantes e colonos). Os peões em geral chegavam em caminhões conhecidos como “pau de arara”. Mas havia também os compradores de terras (jacus) corretores de imóveis (picaretas), carroceiros, caminhoneiros, profissionais liberais e comerciantes de diferentes ramos de atividade, que permitiram que os Maringaenses fossem progressivamente diminuindo a dependência das compras em Apucarana, Mandaguari e Marialva.

Uma atividade que cresceu nos primeiros anos foi o ramo de serralha. Pois o desmatamento intenso e o processo de construção de casas utilizando madeira, fez com que Maringá chegasse a ter mais de 30 serrarias.

O enorme fluxo de pessoas que vieram atraídas pelas terras férteis e com preços baixos fez a população do norte do Paraná se elevar de 720 mil para 3,5 milhões de habitantes entre 1940 e 1970.

Com base no recenseamento de 1940 para o município de Londrina (que incluía: Rolândia, Marilândia do Sul, Cambé, Tamarana, e Faxinal) verificamos que mais da metade da população (75.296 habitantes) tinha menos de 20 anos: 33,6 % abaixo de 10 anos e 23,06 % entre 10 e 19 anos. Nesta época a maioria absoluta destes jovens e crianças estava trabalhando e uma parcela muito pequena freqüentava a escola. A participação de crianças era importante nas atividades agrícolas. Por exemplo, uma criança de cinco anos já poderia ajudar a levar água e refeições para os que estavam trabalhando na roça.

Os adultos entre 20 e 39 anos representavam 29,52% da população e a principal força de trabalho. Como a expectativa de vida da época era relativamente baixa, em torno de 45 a 50 anos, os que tinham 40 anos ou mais (13,82%) já eram considerados “velhos”, estando assim distribuídos: 40-49 anos (7,44%), 50-59 anos (3,88%); 60-69 anos (1,71%); 70-79 anos (0,56%) e 80-89 anos (0,22%).

Na faixa etária, entre 30-59 anos, havia 10.316 homens e 6.448 mulheres. A maior população masculina seria decorrente do fato de que nesta época, em geral, apenas o homem saía de casa para viver sozinho e mesmo os casados poderiam vir antes da família, planejando trazê-las após obter condições mais apropriadas.

Além de ser predominantemente jovem, as famílias que vinham “tentar a vida” eram relativamente numerosas. Por exemplo, meus avós maternos tiveram 9 filhos e meus avós paternos 13 filhos.

A população era predominantemente branca (85%) havendo ainda: pardos (7%), amarelos (5%) e negros (2%). Quanto à religião a maioria era católica (87,3%), seguida de evangélicos (6,2%), budistas (2,9%), espíritas (0,9%), católicos ortodoxos (0,7%), outras religiões (1,7%) e sem religião (0,16%).

Maringá nasceu oficialmente em 10/05/1947 e em 14/11/1951, ao se emancipar de Mandaguari, já contava com 38.588 habitantes.

Com o rápido desenvolvimento do Norte do Paraná, não havia como atender a demanda por energia elétrica e o governo estadual tinha poucos recursos para esse fim. Diante disso, a população ficava sempre às escuras.

Em 1952, Maringá recebeu do governo estadual um modesto conjunto de geradores a diesel capazes de atender uns poucos quarteirões. Em Apucarana, como os geradores viviam pegando fogo e espirrando óleo, logo foram apelidados de “vulcões”.

Mesmo com a chegada da Copel (1956), inicialmente pouca coisa mudou e, volta e meia, alguém incendiava um poste para mostrar seu descontentamento. Já os estudantes, em função das constantes interrupções de energia à noite, não tardaram a organizar passeatas de protesto.

Na falta de energia elétrica a iluminação era feita com velas, lamparinas ou lampiões a querosene. Alguns mais afortunados possuíam geradores (motor Diesel) ligados ao anoitecer e mantidos até as 22:00 horas.

Em estabelecimentos como hospitais, a presença de um gerador era imprescindível. A única opção aos geradores, eram as companhias privadas de eletrificação que via de regra, ofereciam serviços ruins e caros. Nesta época, o povo chamava os postes de madeira de “palitinhos” e as lâmpadas de “tomates”, pois estas apenas ficavam vermelhas, iluminando muito pouco.

A cidade só começou a se livrar dos geradores em 1962 quando o governo estadual mandou estender a linha de transmissão de Salto Grande até Maringá.

Outro problema era a falta de higiene: lixo nas ruas, transporte de alimentos em carroças, abatimento de animais na beira do córrego eram fatores que contribuíam para a elevada ocorrência de infecções. Nesta época, a febre amarela silvestre, malária, febre tifóide, gastroenterites e disenteria eram comuns. Em relação às crianças, as principais

causas de morte, além da disenteria era o chamado “mal dos sete dias”, uma forma de tétano no recém nascido, provavelmente causado por partos sem assepsia.

As instalações sanitárias eram casinhas de madeira sobre fossas comuns, no fundo do quintal e que tinha apenas um buraco coberto por um assento de madeira. Nesta época, embora existissem regras bem definidas para a distância entre o poço e a fossa era comum a contaminação da água do poço pela água da fossa.

Tomava-se banho em uma bacia metálica usando água retirada com auxílio de um balde de um poço com mais de 20 metros de profundidade. Porém, no inverno era preciso esquentar a água no fogão a lenha antes de usa-la no banho.

Para escavar os poços havia o “furador de poço”. Estes profissionais também eram frequentemente chamados para “cavar mais fundo”, porque com o desmatamento acelerado, os lençóis freáticos diminuam e a água do poço desaparecia.

O café era torrado no quintal da casa no torrefador, que consistia de uma “bola de metal” que era colocada no fogo, apoiada em um dispositivo que permitia girá-lo manualmente. Este processo era bastante cansativo, demorado e extremamente desconfortável, principalmente quando realizado em dias quentes.

Mas a falta de energia elétrica, a falta de higiene, a falta de um sistema de saneamento básico não eram os únicos problemas. Pois a mesma terra vermelha que por sua fertilidade gerava riquezas também gerava um pó finíssimo, altamente penetrante e que ficava suspenso no ar por tempo indefinido.

O relato de John dos Passos, viajante inglês, ao descrever Maringá, em 1954, nos dá uma idéia do problema: *“Na cidade, a poeira era insuportável, mas nos arredores era de sufocar. Os lenços com que tentávamos enxugar os rostos suarentos ficavam manchados de vermelho. O nosso guia notou que nós estávamos sentindo sufocados e disse à guisa de consolação que não nos devíamos preocupar com a poeira. Um médico dali, muito bom por sinal, havia descoberto que a poeira de Maringá, estava impregnada de terramicina. A poeira de Maringá curava qualquer infecção”*. (Fonte: “O Brasil Desperta”, tradução: Pinheiro de Lemos, Record, RJ, 1964).

Naquela época, quando se andava a pé e passava um carro, era preciso fechar os olhos e esperar até diminuir aquela poeira fininha que irritava os olhos. Mas, ainda era melhor do que quando chovia e os carros podiam jogar água e lama.

Por esta razão era comum a expressão: *“é poeira pra todo lado”*, uma poeira que ficava impregnada, entranhada na pele, na roupa e na alma. Menos ao assoar o nariz, quando saía pelas narinas uma pelota de barro vermelha.

A poeira ficava no ar por tanto tempo que servia de referência aos pilotos sinalizando a localização dos aeroportos. Pois a poeira levantada pelas hélices dos aviões (chamados de teco-teco) poderiam sinalizar aeroportos a uma distância de 50 km.

Neste tempo, o “caminhão pipa” da prefeitura lançava água nas ruas para reduzir aquela poeira fininha e vermelha que ia penetrando em tudo: nas casas, na roupa, na pele e dando a tudo, inclusive às pessoas um aspecto avermelhado, razão pela qual fomos apelidados pelos habitantes de outras regiões do Brasil de “pés vermelhos”.

Mesmo quem não tenha vivido em Maringá nesta época pode imaginar o grande desafio que era manter a limpeza da casa e das roupas.

O excesso de poeira conferia à cidade um aspecto avermelhado e sujo que só começou a ser amenizado com o calçamento. A primeira quadra calçada em paralelepípedos foi iniciada em 1957, na avenida Brasil, na porção próxima à praça Napoleão Moreira da Silva enquanto o asfaltamento da cidade se iniciou em 1961.

Mas nem tudo era poeira. O calor produzia suor que atraía insetos (borrachudos, mosquitos e pernilongos); e em períodos de seca a fumaça das queimadas (método utilizado visando limpar a terra para o plantio) se intensificava gerando muita poluição.

Quando não tinha pó tinha lama. Durante as chuvas as ruas se transformavam em inacreditáveis atoleiros. Segundo o relato de pioneiros durante as chuvas a Avenida São Paulo se transformava em um córrego. Dai uma frase popular desta época: “*Maringá: cidade de fama. Quando não é poeira é lama*”.

Devido a presença da mata fechada, a cidade tinha um clima muito mais úmido que o atual e as chuvas eram muito mais frequentes do que hoje. Naqueles tempos, um importante acessório era o raspador de barro (conhecido como “chora paulista”), instalado na entrada das casas e lugares públicos. Havia vários modelos. Na entrada da residência de meus avós o raspador de barro era um cabo de enxada, fixado no chão, com a porção cortante virada para cima. Além de limpar os sapatos e botas, o raspador de barro aliviava o peso nos pés. Pois a medida que o barro ia secando formava uma crosta espessa e pesada onde se fixava o barro ainda mole.

Ao mesmo tempo em que era altamente aderente o barro era extremamente escorregadio. Por esta razão, eram comuns nos dias de chuva, os tombos na lama, em especial quando se tentava atravessar terrenos um pouco mais inclinados.

O barro e a chuva criaram as expressões: *amassando barro* (caminhando na lama); *foram muitos dias de lama* (choveu por muitos dias); *limpe os pés antes de entrar* (usar o raspador de barro antes de entrar em casa), *tirou o pé da lama* (ficou rico), *ficou atolado na lama* (literalmente: ficou atolado na lama).

Em dias de chuva, mesmo de bicicleta era muito difícil se deslocar, porque a lama ia se acumulando no pneu e a partir de um dado momento só havia duas opções: ir “empurrando a bicicleta ou levá-la nas costas”.

Se em dias de chuva caminhar na cidade era difícil, sair de Maringá era uma aventura, sem garantia de chegada, mesmo em trechos relativamente próximos. Lembro-me da “serrinha do Camargo”, próxima à cidade de Dr. Camargo (a 30 km de Maringá), que só era possível atravessar usando carros com tração nas quatro rodas e correntes nos pneus para enfrentar a lama extremamente lisa. Nesta época, os melhores veículos para enfrentar o barro eram a Rural e o Jeep Willys.

Onde havia estradas, tinha-se a opção pelo uso de bicicletas, charretes, carroças, automóveis, caminhões, e em alguns lugares havia a opção por um tipo de ônibus aberto denominado jardineira. Porém, onde não havia estradas o deslocamento era feito no meio da picada, a pé ou a cavalo. A picada às vezes era interrompida por uma “pinguela” (pau que atravessa o riacho funcionando como uma ponte para pedestres).

Em lugares onde haviam rios o transporte era feito com balsas o que acarretava “longas esperas”. O transporte ferroviário chegou em Maringá apenas em 1954.

No período de chuvas como o transporte era impraticável e a cidade ficava isolada, era difícil a busca de assistência médica em outras cidades. Esta dificuldade fez com que muitos pioneiros retornassem ao seu lugar de origem. Por esta razão foi muito importante a construção do primeiro hospital (1944), a Clínica Santa Cruz. Além disso, com a falta de médicos, as benzedeiras, rezadeiras e curandeiros eram populares.

Lamaçais intransponíveis na época das chuvas; poeira de cegar na época das secas, fumaça de asfixiar na época das queimadas estradas intransitáveis, falta de assistência médica, falta de energia elétrica e de outros confortos pessoas chegando de todas partes do Brasil e do mundo atraídas pelas terras baratas e férteis do Norte do Paraná uma população evangélica bastante reduzida Apesar de as condições não serem favoráveis nasce “no meio da mata” uma vigorosa comunidade evangélica. É o que veremos nos próximos capítulos.

CAPÍTULO 2 - A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO

De acordo com o relato do pioneiro da igreja, Waldemar Marcos da Silva, as primeiras reuniões ocorreram em um barracão onde funcionava uma indústria de colchões, sendo o espaço cedido pelo irmão Rubens de Almeida Pupo. Segundo Waldemar, participavam dos cultos cerca de 15 a 20 pessoas, que se ajeitavam entre as estruturas existentes para fabricação dos colchões de palha.

Foi neste local onde provavelmente aconteceu o primeiro culto de nossa igreja, realizado no dia 8 de julho de 1947 pelo reverendo Francisco Rodrigues Brianez que era pastor em Mandaguari e responsável pelo atendimento pastoral na região.



Foto da família Rodrigues Brianez: Em pé da esquerda para a direita: **Pastor Francisco R. Brianez**, Isabel, pastor Angelin Brianez e um primo da família. Sentados da esquerda para a direita: Sabatino, Antonio, Manoel e Ítalo. O pastor Brianez, pode ser considerado nosso primeiro pastor (cujo apelido era “tio Chico” segundo a pioneira da igreja, senhora Laurentina Chaves Romero).

Em 1948, após o irmão Rubens de Almeida Pupo, que era gerente de banco, ser transferido para outra região, as atividades da igreja passaram a ser realizadas em um salão alugado na avenida Brasil, Vila Operária, a duas quadras da Praça Rocha Pombo.

Além do trabalho desenvolvido em Maringá havia um grupo Metodista que se reuniam na Estrada Romeira, no sítio da família Maldonado. Segundo Lúcia Maldonado Zago, os dois irmãos Santiago e João Maldonado e as esposas Maria Maldonado Garcia e Maria Peres Pepineli Maldonado mudaram-se com as famílias de São Paulo para Maringá e compraram um sítio na Estrada Romeira, onde iniciaram “um ponto de pregação”. Os cultos eram realizados na residência e chegou a ter 60 a 70 pessoas. Chegaram a construir uma capela no local. Reuniam-se aos domingos, quartas-feiras à noite e na Escola Dominical. O trabalho de Escola Dominical para as crianças era realizado debaixo do pé de manga com bancos de tocos. A congregação permaneceu no sítio por seis anos.

Lídia conta que na época do reverendo Parker Reshaw (1º Missionário a atuar na igreja), no dia em que ia pregar, ele próprio saía convidando os vizinhos para o culto da noite. Outra lembrança desta época era dos inseparáveis sacos de dormir do “reverendo Parker”, que sempre se ajeitava em qualquer canto.

O pastor Francisco R. Brianez e sua esposa Áurea e os filhos, vinham a cada 15 dias realizar um culto na cidade e outro no sítio. Na época, só tinha uma estrada aberta, onde hoje é a avenida Colombo e o restante era mato, com algumas clareiras abertas onde eram os sítios .

Nos dias agendados o pastor Francisco R. Brianez vinha de Mandaguari de ônibus e descia na Estrada Romeira, onde Waldemar Marcos da Silva trazia o cavalo para levá-lo até o sítio. Porém, se chovesse não havia como chegar.

Como muitos dos membros trabalhavam ou dependiam da agricultura, uma geadada, seca ou qualquer outro problema significava dificuldades econômicas para a igreja. Na época do pastor Antônio Margarido Mendes, Lídia Maldonado Zago conta que houve dias em que a família do reverendo não tinha sequer o que comer. Mas Deus sempre provia. Recorda-se de um testemunho dado por sua mãe: antes de ir para igreja, a esposa do pastor lhe perguntou o que iriam fazer para o almoço, pois não havia nada na despensa e ele respondeu apenas que Deus proveria. Na hora do almoço, com os pratos vazios na mesa, oravam agradecendo quando bateram na porta. Eram João e Santiago Maldonado que traziam uma carroça cheia de alimentos para o pastor.

Em 1951 iniciou-se a construção do templo, cujos detalhes encontram-se no **“Livro de atas Balancetes da Junta de Construção da Igreja Metodista do Brasil, Paróquia de Maringá: 08/08/1951 a 01/08/1956”**.

Na 1ª Reunião realizada em 08/08/1951 foi constituída a Comissão de Construção do templo sob a presidência do Reverendo Francisco Rodrigues Brianez, sendo nomeados o senhor Gerson Sampaio de Moraes (Presidente da Junta), Vicente Francisco Siqueira (Auxiliar) e Zulmira Nascimento de Moraes (Auxiliar).



Vicente Francisco Siqueira – Membro da comissão de Construção. Durante muitos anos até seu falecimento “seu Vicente” era chamado de “O número 1”, uma referência ao fato de por muitos anos poder ostentar o título de membro mais antigo da igreja.

É interessante observar a presença de Zulmira Nascimento de Moraes (provavelmente esposa do senhor Gerson Sampaio de Moraes) na comissão, mostrando que desde os primórdios de nossa igreja nesta cidade a participação das mulheres foi relevante. Esta tradição de nossa igreja local e de nossa igreja como denominação na valorização da mulher veio a culminar no **17º Concílio Geral da Igreja Metodista**, que ocorreu em Maringá, mais especificamente em nossa igreja (7 a 14 de julho de 2001) quando ocorreu a eleição da primeira bispa brasileira, a pastora Marisa Coutinho.

Mas voltemos à construção do primeiro templo da igreja Metodista. Pois no dia 08/09/1951, exatamente um mês após a constituição da Comissão de Construção do Templo, este mesmo grupo se reúne para dar andamento ao trabalho. Nesta ata lemos:

“Considerando que a escola dominical estava se reunindo em um mesmo local, onde durante a semana se realizavam bailes e reuniões comunistas. Considerando ainda o aluguel exagerado e fora do perímetro urbano, prontificaram-se o Sr. Presidente (Gerson Sampaio de Moraes) em ceder uma das salas de sua residência para se fazer ali o trabalho da escola dominical e os cultos regulares.”

Ao lermos este trecho da ata e considerando o relato do Sr. Waldemar Marcos da Silva de que *“o salão alugado que ficava na Brasil, na Vila Operária, a duas quadras da Praça Rocha Pombo”* podemos entender os motivos que levaram à decisão de iniciar a construção do templo.

1. O salão alugado não era de uso exclusivo da igreja mas utilizado para outras finalidades que incluíam pelo menos: bailes e reuniões políticas.

2. A porção do texto *“fora do perímetro urbano”*, referindo se a uma propriedade na *“Vila Operária, a duas quadras da Praça Rocha Pombo”*, parece não fazer sentido nos dias de hoje. Mas no início dos anos 50, a cidade ainda estava estruturada no *“Maringá velho”*, que se inicia na praça onde se localiza o colégio Santa Cruz avançando oito quadras em direção à saída para Paranavai/Cianorte/Campo Mourão.

3. Fica bastante claro que pesou bastante a questão do *“aluguel exagerado”*. Veja que interessante. Pagava-se caro por um local em que as atividades da igreja coexistiam de uma certa forma com *“bailes e reuniões políticas”*. Obviamente cada atividade deveria ser realizada em momentos distintos. Suponho que poderíamos ter as *“reuniões políticas”* durante a semana, os bailes no final de semana (sexta e sábado) e no domingo as atividades da igreja. Em resumo, locava-se, não uma propriedade de uso exclusivo, mas um espaço para ser usado por um período de tempo pré-determinado.

Apesar da oferta do senhor Gerson, durante este período (cerca de dois meses), segundo Waldemar Marcos da Silva, os membros da igreja congregaram na Igreja Presbiteriana *“da Santos Dumont”*. Conta-nos ainda o senhor Waldemar que o mato tomava conta dos lotes onde ficava o terreno da igreja. Tanto que ao iniciar a construção do templo, ele e seu irmão Waldolino foram os responsáveis em queimar o mato no lote e arrancar todos os tocos. *“Nós cortamos as árvores que havia com um traçador emprestado do senhor Aristides. Orientados pelo carpinteiro que construiu a igreja, separamos as madeiras que podiam ser aproveitadas na construção, inclusive os tocos que serviram para fazer o alicerce da igreja.”*

Dando continuidade à leitura da ata lemos: *“Prometeu ainda o Sr. Presidente, embora não houvesse dinheiro em caixa, iniciar por sua conta própria a construção do futuro templo, assumindo a responsabilidade. Diante de sua proposta foi dada toda a autoridade no sentido de se construir”*

Quem deu a autoridade? Para se fazer uma construção o principal é o dinheiro. Pois com o dinheiro contrata-se o construtor que toca a obra com mais dinheiro. O que temos até aqui é apenas a fé e a coragem do senhor Gerson Sampaio. Fé ou falta de juízo? Lendo a ata começo a ficar preocupado com o desfecho desta história.

No dia 11 de novembro de 1951, pouco mais de três meses após a constituição da Comissão de Construção do templo temos o primeiro balancete.

BALANCETE Nº 1 – da Junta de Construção - 11/11/1951

ENTRADAS

Recebido da Junta de Missões	Cr\$ 15000,00
Produto da lista do Sr. Vicente F. Siqueira	Cr\$ 3880,00
Oferta do amigo Pedro Inocêncio da Silva	Cr\$ 2500,00
Oferta da Sociedade Metodista de Senhoras	Cr\$ 3000,00
Oferta de Gerson Sampaio de Moraes	Cr\$ 800,00
Oferta do Sr. João Zenthof	Cr\$ 50,00
Oferta de dona Amália	Cr\$ 50,00

Total **Cr\$ 25280,00**

DESPESAS

Compra de uma data (1ª prestação)	Cr\$ 3880,00
Compra de madeiras em Mandaguari	Cr\$ 7636,00
Compra de 2500 telhas	Cr\$ 7200,00
Madeira para telhado	Cr\$ 3645,00
Mão de obra dos carpinteiros	Cr\$ 5000,00

Total **Cr\$ 31535,00**

Déficit **Cr\$ 6255,00**

O déficit ficou como dívida da junta de construção com o Sr. Gerson Sampaio Moraes

O balancete trás algumas informações interessantes: 1) o senhor Gerson Sampaio de Moraes mantém a responsabilidade pelo empreendimento; 2) houve uma razoável contribuição da Sociedade Metodista de Senhoras; 3) havia despesas com o pagamento do terreno que havia sido comprado a prestações; 4). O valor arrecadado pelo Sr. Vicente F. Siqueira coincide com o valor do pagamento da primeira prestação da data, ou seja, R\$ 3880,00; 5) Ao somarmos as despesas, o valor encontrado é um pouco menor do que o apresentando como valor total das despesas.

BALANCETE Nº 2 – da Junta de Construção - 19/11/1951

ENTRADAS

Recebido da Junta de Missões	Cr\$ 5000,00
Junta de Ecônomos	Cr\$ 1000,00
Oferta da Sociedade Metodista de Senhoras	Cr\$ 2000,00
Escola Dominical	Cr\$ 1 331,80
Família Siqueira	Cr\$ 875,00
Maria Policarpo	Cr\$ 500,00
Lista do Sr. Arquileu	Cr\$ 600,00

Total **Cr\$ 11306,80**

Despesas (Piso) **Cr\$ 6259,00**

***Déficit** **Cr\$ 1447,20**

* Coberto pela oferta do Sr. Gerson Sampaio de Moraes

No segundo balancete apresentado oito dias após o primeiro, verifica-se que a situação melhorou bastante. Pois o déficit de Cr\$ 6255,00 do primeiro balancete se reduziu agora para Cr\$ 1447,20.

Na ata de 16 de março de 1952 que trata da 3ª Reunião da junta de construção e na qual estiveram presente: Gerson Sampaio de Moraes (Presidente da Junta), Vicente F. Siqueira (Auxiliar) e Zulmira Nascimento de Moraes (Auxiliar) e Arquilino dos Santos (Convidado) lemos:

“O Sr. Presidente fez a entrega das respectivas chaves, perante os demais, visto haver concluído a primeira fase da construção, isto é um prédio de madeira com 8 m de largura por 12 m de comprimento e 3 m de altura coberto de telhas tipo francesa e piso de tijolos escaldados com cimento. Foi grande a alegria que se viram possuídos todos pela benção recebida de podermos nos reunir em uma sala especificamente construída para adoração a Deus.”

Uma primeira reunião onde se cria uma “Junta de construção” composta de apenas três pessoas. Uma segunda reunião em que se decide construir um templo e uma terceira reunião, nove meses e oito dias depois para agradecer a Deus pela conclusão da primeira fase da construção. Uma construção diga-se de passagem, bastante modesta pelos padrões atuais. Mas sem dúvida o resultado da fé, coragem e desprendimento de umas poucas pessoas que não mediram esforços em construir aquele que seria o primeiro templo da igreja Metodista e Maringá.

Ainda não é o templo completo, mas um espaço privativo, sem depender de dividir um espaço alugado e usado para outras finalidades (bailes e reuniões políticas).

A primeira etapa do templo esta concluída. Já existe um espaço privativo para Louvor a Deus. Agora basta seguir as orientações do profeta Isaías: *“Amplia o lugar da tua tenda, e estendam-se as cortinas das tuas habitações; não o impeças; alonga as tuas cordas, e fixa bem as tuas estacas”* Isaías 54:2.

Em um período em que o norte Paraná vivia uma verdadeira corrida do ouro com pessoas chegando de todas as partes do país e do mundo com o objetivo de enriquecer rapidamente, ainda vamos encontrar pessoas como o senhor Gerson Sampaio de Moraes, exemplo de fé e esperança em uma terra de poeira e lama.

Fiquei muito curioso em saber um pouco mais sobre a pessoa do senhor Gerson Sampaio de Moraes. Mas a única pessoa que conhecia o senhor Gerson, o senhor Waldemar Marcos da Silva, faleceu recentemente.

Como não encontrei na igreja parentes ou conhecidos do senhor Gerson Sampaio de Moraes suponho que em um dado momento, logo após a construção do templo, ele deixou a cidade (onde era gerente de um posto de gasolina), uma vez que seu nome desaparece das atas nos anos subseqüentes.

A participação crucial do senhor Gerson Sampaio de Moraes na construção do templo, assumindo riscos financeiros, dispondo sua residência para os cultos e escola dominical e por outro lado, o esquecimento de sua pessoa como alguém que contribuiu de maneira decisiva para o crescimento da igreja em seus primeiros dias me fez lembrar a história de Mardoquel, primo de Ester narrado no capítulo 6, versículos de 1 a 3 do livro de Ester: *“Numa dada noite quando fugiu o sono do rei, este mandou trazer o livro de atas onde se achou escrito que Mardoquel havia salvado o rei Assuero. Então disse o rei: Que honra e distinção se deu por isso a Mardoqueu? E os servos do rei, que ministravam junto a ele, disseram: Coisa nenhuma se lhe fez”*.

Ao me deparar com a história do senhor Gerson Sampaio de Moraes fiz uma pergunta semelhante à do rei Assuero: *que honra se deu a este homem?* E encontrei a mesma resposta dos servos do rei Assuero: *“Coisa nenhuma se lhe fez”*.

Por esta razão quero encerrar este capítulo homenageando não apenas o senhor Gerson Sampaio de Moraes, mas a todos aqueles que anonimamente contribuíram para o crescimento de nossa igreja nestes seus 65 anos de existência através desta pequena porção do livro de Hebreus: **“Porque Deus não é injusto para se esquecer da vossa obra, e do trabalho do amor que para com o seu nome mostrastes, enquanto servistes aos santos; e ainda servis”.** Heb 6:10



Templo de madeira. Segundo o pioneiro da Igreja, Sr. Aparecido Barroso, a igreja de madeira “ficava no fundo do terreno que era circuncidada por uma cerca de madeira onde amarravam os cavalos e as carroças. Em dias de chuvas, muitos só arrancavam o grosso do barro da bota e entravam assim mesmo. Outros traziam sapatos limpos para trocar na porta”. No início a iluminação era feita com velas e lamparinas. Só depois a igreja comprou um gerador para iluminar o templo. Mesmo assim, os membros tinham que cruzar a cidade na escuridão porque não havia iluminação pública. Na época do pastor Osvaldo de Souza, este ia buscar as senhoras e pessoas idosas de carro, por causa da escuridão. Porém, em dias de chuvas, muitas vezes a esposa é que pregava porque o carro encalhava e ele não conseguia chegar a tempo.

CAPÍTULO 3. A ESCOLA DOMINICAL

“Aquele que ensina esmere-se no fazê-lo.” Rm 12.7. ”

As informações sobre os primeiros anos da Escola Dominical tem como importante fonte o **Livro de atas do Conselho de Obreiros da Escola Dominical** que abrange o período de 17/06/1951 - 22/03/1964.

Mas antes de comentarmos estas atas voltemos à ata da primeira reunião da comissão de construção do templo de 08/08/1951.

“Considerando que a escola dominical estava se reunindo em um mesmo local, onde durante a semana se realizavam bailes e reuniões comunistas. Considerando ainda o aluguel exagerado e fora do perímetro urbano, prontificaram-se o Sr. Presidente (Gerson Sampaio de Moraes) em ceder uma das salas de sua residência para se fazer ali o trabalho da escola dominical e os cultos regulares.”

Vemos no início de nossa igreja o compromisso com a educação manifestada por uma preocupação com a situação da Escola Dominical.

Na verdade, o ensino sempre ocupou um papel de destaque no trabalho Metodista. Historicamente o movimento Metodista começou com os irmãos John e Carlos Wesley na Universidade de Oxford no século XVIII.

Em 1738, John Wesley iniciou o movimento metodista e apenas 10 anos depois, era fundada a primeira instituição de ensino Metodista, a Kingswood School, na Inglaterra, em 1748.

Esta vocação educacional também tem se manifestado no Brasil, onde várias instituições Metodistas de ensino incorporam mais de um século de atividade contínua.

A ênfase Metodista no ensino segue a forma de atuação “do Mestre dos mestres” como lemos em Mateus 4:23: *“E percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino, e curando todas as doenças e enfermidades entre o povo”*. Em primeiro lugar vinha o ensino, depois a pregação e depois a cura”.

Livro de atas do Conselho de Obreiros da Escola Dominical: reunião de 17/06/1951

A reunião sob a presidência de Vicente Francisco Siqueira (superintendente da Escola Dominical) tinha por objetivo a reestruturação da diretoria e professores da Escola Dominical.

Nesta reunião ocorreram os seguintes fatos:

1. Foi criada a classe de senhoras - Heroínas da Fé: Zulmira Moraes.
2. Foi mudado o nome da classe Mensageiros da Fé para Heróis da Fé sendo nomeado o Sr. Rubens de Almeida Pupo em substituição ao Sr. Gerson Sampaio Moraes.
3. Foi estabelecido o Cofre de Gratidão e feito o pedido 200 envelopes e 200 folhetos para o dia da Escola Dominical.

Comentários em relação a Ata:

Se o objetivo da reunião era reestruturar a Escola Dominical, fica claro que o trabalho já estava em andamento muito antes da elaboração desta ata. Na verdade, como

vimos capítulo anterior já havia uma Escola Dominical na estrada da romeira no sítio da família Maldonado no final dos anos 40.

Podemos observar que os três membros da comissão de construção também aparecem na primeira ata da Escola Dominical.

O Sr. Gerson Sampaio Morais que esta deixando de ser o professor da classe “heróis da fé” para se tornar “um herói da fé” assumindo a presidência da comissão de construção cujo trabalho foi detalhado no capítulo anterior.

A senhora Zulmira Morais (provavelmente a esposa do senhor Gerson Sampaio Morais) que assume a recém criada classe de senhoras - Heroínas da Fé.

O senhor Vicente Francisco Siqueira que ocupa a função de superintendente da Escola Dominical.

Além dos 3 membros da comissão de construção, temos o senhor Rubens de Almeida Pupo que estava assumindo a classe heróis da fé. O senhor Rubens de Almeida Pupo foi o membro da igreja que conseguiu o local improvisado para a realização dos cultos antes da construção do templo (capítulo anterior). O Sr. Rubens de Almeida Pupo que era gerente de banco, fora transferido para outra cidade em 1948, como descrito no capítulo anterior. Porém, sua participação na escola dominical comprova que a partir de 1951 ele estava de volta e bastante envolvido com o trabalho da igreja.

Enfim o que percebemos é que com um número reduzido de membros a liderança necessitava acumular funções.

A ata cita também o “Cofre de Gratidão”, um sistema de arrecadação de recursos que possivelmente ajudou a construção do templo, como vemos no segundo relatório financeiro apresentado pela comissão de construção do templo (capítulo anterior).

Livro de atas do Conselho de Obreiros da Escola Dominical: reunião de 27/01/1952

Superintendente da Escola Dominical: Julia Barbosa Pupo

Secretário: Vicente Francisco Siqueira

Tesoureiro: Arquileu Gonsalves

Heróis da Fé: Rubens de Almeida Pupo e Arquileu Gonsalves (substituto)

Heroínas da fé: José Carlos Sampaio e Sebastião Marques (substituto)

Jóias de Cristo: Zulmira de Moraes

Rol do berço e do lar: Zulmira de Moraes

A superintendência da Escola Dominical agora esta a cargo da senhora Júlia Barbosa Pupo. Esta mulher certamente amava o trabalho da Escola Dominical. Pois acompanhando as atas subsequentes verificamos que mesmo depois de deixar o cargo de superintendente ela continuou exercendo outras funções na Escola Dominical.

Pouco mais de 6 meses após a reunião anterior podemos observar um nítido crescimento da Escola Dominical. Pois são criadas as classes Jóias de Cristo e Rol do berço. Suponho pelos nomes que estas classes visavam atender a crianças e bebês o que deveria ser muito importante numa época em que as famílias eram numerosas.

Podemos observar também a criação da função de professor substituto o que considero uma medida bastante prática. Em minha experiência participando da Escola Dominical tenho observado que quando ocorre maior disponibilidade de professores (o que é raro) existe a tendência de se aumentar o número de classes. Mas, este procedimento multiplica os riscos de as classes ficarem sem professores. Com a figura

do professor substituto as classes tornam se mais estáveis, dando inclusive aos professores a possibilidade de trabalharem em equipe se revezando nas aulas de acordo com as necessidades.

Em relação ao texto da ata destacamos a proposta de se fazer paraventos* para separar a classe de crianças, o que mostra a precariedade das condições de trabalho em um momento em que a conclusão do templo estava próxima (entregue no dia 16 de março de 1952).

* Anteparo de madeira usados em igrejas, à frente da entrada principal, com o objetivo de abrigá-las dos ventos e impedir que as velas se apaguem; 2. Tipo de biombo construído com ramos de árvores para proteger do vento.

Livro de atas do Conselho de Obreiros da Escola Dominical: reunião de 20/02/1952

Nesta ata destaco dois itens que considero relevantes:

1. Proposta para que fosse feito um quadro negro.
2. Proposta criação de uma classe de preparação de obreiros

O primeiro item nos remete mais uma vez à precariedade das condições de trabalho. Pois, não havia ainda ao menos um quadro negro, um instrumento extremamente básico para o exercício da atividade de ensino.

Já o segundo item, mais uma vez mostra a maturidade dos condutores da Escola Dominical. Pois, já se percebe a necessidade de se criar uma classe que funcione na geração de novas lideranças preparadas para apoiarem no processo de crescimento da igreja. Desta época vale destacar também a figura do guia leigo, que ajudava o pastor em sua função

Livro de atas do Conselho de Obreiros da Escola Dominical: reunião de 25/04/1952

Superintendente: Julia Barbosa Pupo

Homens: Rubens de Almeida Pupo

Senhoras: Joaquina Moraes Sampaio

Jovens casados: José Carlos de Moraes

Jovens: Julia Barbosa Pupo

Em relação a esta ata minhas principais observações:

1. Criada as classes de criancinhas, jovens e jovens casados
2. Foi resolvido a título de experiência que a Escola Dominical fosse às 9:00 da manhã a partir de 04/05/1952
3. Proposta de criação da Escola Dominical nos bairros
4. Nesta reunião estava presente o Reverendo Park Renschaw

Esta reunião mostra que a Escola Dominical continuava avançando rapidamente. Três novas classes são criadas. Incluindo uma classe denominada “jovens casados”. Era uma época em que se casava mais cedo do que hoje (entre 15 e 20 anos) e a igreja parece estar atenta às novas demandas.

Em relação à decisão de “a título de experiência iniciar os trabalhos às 9:00”, eu pensava que a Escola Dominical sempre iniciou neste horário. Porém, segundo Waldemar e Waldete Marcos da Silva, no início da década de 1950 eles moravam a uns 15 km da igreja e vinham a pé para participar da Escola Dominical que era realizada ao meio dia e só ficavam para o culto da noite se pousassem na casa de alguém. Portanto, nos primeiros anos da igreja a Escola Dominical se iniciava ao meio dia.

A proposta de criação de classes nos bairros foi relevante, considerando as dificuldades de deslocamento em dias de chuva.

Nesta ata destacamos a presença do Reverendo Park Renschaw que foi o primeiro missionário a atuar em nossa igreja. Somos gratos a Deus por ter enviado pessoas como o reverendo Park Renschaw e mais gratos ainda pelo momento atual em que nossa igreja de receptora de missionários (Park Renschaw, Anita Cordeiro, Sumiko Myamoto) passou à condição de exportadora de lideranças formadas em nosso meio (Arildo Pereira Lopes; Eduardo Villanova; Evaldo Villanova; Shoji Mitsuda; Emília Mitsuda; Dauro Anderson Ribeiro Rodrigues; Edilson de Assis Volfe; Edemilson de Assis Volfe; Tiago Tiujo; Eliane Beatriz Araújo Silva).

Livro de atas do Conselho de Obreiros da Escola Dominical: reunião de 19/06/1952

Superintendente da Escola Dominical: Julia Barbosa Pupo

Nesta ata destaco como fatos principais:

1. Criada a Escola Dominical da vila morangueira (15:00) – a ser dirigida em sistema de rodízio pelos professores da classe de adultos
2. Proposta realização de uma escola bíblica de férias no mês de julho

A criação de escolas dominicais em bairros periféricos apresentada na reunião anterior é efetivada com a criação da Escola Dominical da vila morangueira.

O sistema de rodízio pelos professores para atender esta classe mostra que havia uma preocupação em dividir o trabalho.

Quanto à proposta de realização de uma escola bíblica de férias no mês de Julho, podemos observar que esta atividade existe desde os primórdios de nossa igreja.

Livro de atas do Conselho de Obreiros da Escola Dominical: reunião de 15/01/1953

Secretária: Jael Morais e Silva

Tesoureiro: José Carlos de Morais

Classe Heróis da Fé: Rubens de Almeida Pupo e José Carlos de Morais (substituto)

Classe Heroínas da Fé: Vicente F. Siqueira

Classe Lírio dos Vales: João de Oliveira

Classe Jóias de Cristo: Eunice Renschaw e Marta Martins (substituta)

Classe Soldados de Cristos: Joaquim M. Moraes e José Carlos de Morais (substituto)

Rol do berço: Maria Conceição Moreira Barbosa e Leila Morais - (substituta)

Classe Estrela Dalva: Zulmira M. Morais e Neide Moraes - (substituta)

Fiquei muito feliz de encontrar nesta ata assumindo o rol do berço a senhora Maria Conceição Moreira Barbosa (mais conhecida como mariinha), minha avó e que após ficar viúva (morava na estrada do Kelly - Marialva) veio para Maringá com seus nove filhos. Dona Maria C. M. Barbosa também fazia parte da Sociedade Metodista de Senhoras conforme consta na ata de 01/12/1952.

Livro de atas do Conselho de Obreiros da Escola Dominical: reunião de 03/01/1954

Tesoureiro e secretário: José da Conceição Monteiro

Heroínas da Fé: Daniel Damasio

Herdeiros da Coroa: Joaquim Moraes

Soldados de Cristos: Reverendo Park Renschaw

Cordeirinhos: Helena Barbosa e Maria Chantiz (auxiliar)

Nesta ata destacamos as seguintes decisões:

1. Criada a Classe “Esperança” composta de juvenis: Julia Barbosa Pupo
2. Decisão de realização estudos Bíblicos nas quartas feira para melhor preparar a lição.

Ao longo das atas percebe-se que havia bastante flexibilidade na criação de novas classes e cargos. Nesta ata vemos pela primeira vez as classes: Cordeirinhos, Esperança e Herdeiros da Coroa. Em relação aos cargos o senhor José da Conceição Monteiro ocupa as funções de secretário e tesoureiro.

Como secretário o senhor José da Conceição Monteiro ficaria responsável pelo controle das matrículas e como tesoureiro ficaria responsável pelo relatório de prestação de contas das ofertas da Escola Dominical.

Nesta ata destaco a decisão de se fazer um estudo Bíblico nas quartas feira para melhor preparar a lição demonstrando o empenho com a qualidade do ensino.

Livro de atas do Conselho de Obreiros da Escola Dominical: reunião de 10/06/1956

Superintendente: Tito P. Prado

Soldados de Cristos: Natanael Gonsalves de Paula

Classe Esperança: Celita Mendes

Nesta ata destacamos:

1. Proposta a realização de uma Escola Bíblica de Férias e da compra de 50 cadeirinhas para o departamento primário
2. Proposta a criação da classe de catecúmenos sob responsabilidade do Rev. Antonio Margarido Mendes.

“Classe de Catecúmenos” se refere à classe de novos membros, geralmente voltada para instruir o que se prepara para receber o batismo. Portanto, a proposta de criação desta classe visava atender os novos membros.

Esta ata mostra pela primeira vez a participação de um pastor da igreja local nas atividades da Escola Dominical. O que esta de acordo com o relato do pioneiro da igreja, Marcírio Ferreira Silva, que nos informou que a congregação de Maringá só se

tornou independente de Mandaguari quando o pastor Antônio Margarido Mendes foi designado para Maringá.

Livro de atas do Conselho de Obreiros da Escola Dominical: reunião de 11/08/1957

Superintendente: Tito P. Prado

Principais fatos:

1. O livro de atas havia desaparecido
2. Estabelecida programação para comemorar o dia da Escola Dominical e do Natal
3. Proposto encerramento separado do departamento primário

Chama atenção o problema do desaparecimento do livro de atas. Felizmente o livro foi encontrado e a prova disto é que tivemos acesso a estas atas 50 anos depois.

Nas sete cartas (capítulos 2 e 3 de apocalipse) encontramos sempre a mesma ordem: “*Ao anjo da Igreja em Éfeso/Esmirna/Tiatira/Pérgamo/Sardes/Filadélfia/Laodicéia..... escreve*”. A ordem recebida pelo apóstolo João é clara: escreve.

Escrever é a forma mais segura de preservar uma informação. Pois, sem estas atas pouco saberíamos sobre os primeiros anos de nossa igreja.

Portanto, embora às vezes pareça cansativa em sua elaboração. As atas trazem acontecimentos do passado, sem ficarmos na dependência da versão dos fatos que vão se modificando na medida em que as lembranças vão ficando enfraquecidas pelo tempo e pela idade avançada.

Assim, à medida em que lemos o livro de atas vamos encontrando informações preciosas sobre programas especiais da Escola Dominical (Escola bíblica de férias, dia da Escola Dominical, dia das mães, dia da bíblia, páscoa, natal), questões da abertura e encerramento da Escola Dominical e outros assuntos que confirmam a existência de uma Escola Dominical muito dinâmica.

Livro de atas do Conselho de Obreiros da Escola Dominical: Reunião de 18/01/1959

Heróis da Fé:

Heroínas da Fé: Joaquim Barbosa Leite

Soldados de Cristos: Josué Barbosa Leite

Classe Esperança: o pastor

Nesta ata destaque: “*Foi pedido aos pais que exortassem seus filhos a fazerem silêncio na Escola Dominical*”.

Devemos avaliar este problema de disciplina considerando que a Escola Dominical era bastante rigorosa. Pois nela existiam: matrículas, os certificados de transferência, a condição de “reserva” e a exclusão de alunos faltosos (30 dias).

Se por um lado o sistema de trabalho era rigoroso, havia também a preocupação com a criação de mecanismos de incentivo à participação na Escola Dominical.

Por exemplo, na ata de 06/06/61, a diretora do berçário pede uma lata de bolacha para agradar os alunos na hora da aula.

Outro exemplo, na ata de 30/06/63 há a sugestão de anotar o nome dos alunos faltosos e fazer uma visita. Nesta mesma ata percebe-se a intenção de substituir a punição pelo estímulo à participação pois lemos: *“o jovem Pinheiro fez a proposta da campanha do foguete”. “O Reverendo Osvaldo apresentou o seguinte esboço para a referida Campanha: 100% de presença = 100 km, visitas = 5 km, bíblia = 5 km, revista = 10 km”*.

Se a classe era rigorosa com os alunos havia também rigor com os professores, uma vez que o assunto “substituição de professores” está sempre presente nas atas.

**Livro de atas do Conselho de Obreiros da Escola Dominical: Reunião de
17/01/1960**

Superintendente: Alfredo Rodrigues Vilar

1º Secretário: Ely Vieira Prado

2º Secretário: Jonas de Oliveira

Tesoureiro: Vicente F. Siqueira

Heróis e Heroínas da Fé: Josué Barbosa Leite e Pastor (substituto)

Soldados de Cristo: Mauricio Roberto e Sebastião de Souza (substituto)

Classe Esperança: Elizeu Diniz e Silas M. Gama (substituto)

Departamento Luz Amor: Sumiko Miyamoto

Departamento Primário: Eloyde de Souza

Classe Joias de Cristo: Zélia Samesima

Classe Samuel: Senhora Margarida

Classe Cordeirinho: Geni Pinheiro

Classe Estrela Dalva: Julia Barbosa Pupo

Classe Paulo de Tarso: Malvina Gama Leite

Rol do Berço: Maria de Jesus de Oliveira

Nesta ata observamos que as tradicionais classes “heróis e heroínas da fé” agora estão reunidas em uma única classe. Porém, na ata seguinte aparecerão novamente divididas. O que mostra que a estrutura era bastante flexível se ajustando às demandas e disponibilidade de professores.

Verificamos também o surgimento do Departamento Infantil e do Departamento Luz Amor o que sugere a necessidade de readequar a estrutura organizacional para atender um maior número de classes.

**Livro de atas do Conselho de Obreiros da Escola Dominical: Reunião de
15/01/1961**

Presidida conjuntamente pelo Superintendente Marcílio Ferreira da Silva e pelo pastor Osvaldo de Souza.

Secretária da Escola Dominical: Laura Pereira logo substituída por João de Oliveira

Secretária das Reuniões do Conselho de Obreiros: Minerva de Campos Lopes

Tesoureiro: Vicente F. Siqueira

Heróis da Fé: Elizeu Diniz

Heroínas da Fé: Minervina de Campos Lopes e José Pinheiro (substituto)

Soldados de Cristo: Julia Barbosa Pupo

Classe Esperança: Sebastião de Souza

Departamento Primário: Eloyde de Souza

Classe Joias de Cristo: Elizabeth Prado

Classe Daniel: Maria de Jesus

Classe Samuel: Terezinha Barbosa da Silva sendo substituída por Abigail Diniz

Departamento Luz Amor: Sumiko Miyamoto

Classe Tabita e Eunice: Sumiko Miyamoto

Classe Cordeirinho: Marta Barbosa

Classe Estrela Dalva: Nilce de Barros

Classe Paulo de Tarso: Lucina De Muzio

Departamento do Berço: Aureliana de Oliveira e Maria Belmonte

Comparando com as primeiras atas podemos verificar sem muito esforço o quanto cresceu a Escola Dominical entre 1951 e 1961.

Eram outros tempos. Quer um exemplo? Na ata de 02/03/1964 lemos: *“Estando as 6 horas no centro rural. A condução será um caminhão”*.



O dia da Escola Dominical é comemorado no terceiro domingo de setembro.

O ensino, particularmente o trabalho na Escola Dominical, encontra-se fortemente ligado a história do movimento Metodista,

Em nossa cidade o trabalho de Escola Dominical antecede o estabelecimento da igreja. Uma vez que no final dos anos 40, na estrada da romeira, no sítio da família Maldonado havia Escola Dominical para as crianças, realizada debaixo do pé de manga tendo como cadeiras “tocos de árvores”.

CAPÍTULO 4. A SOCIEDADE METODISTA DE SENHORAS

**“Mulher virtuosa quem a achará? O seu valor muito excede ao de rubis”.
Provérbios 31:10**

Os relatos que faremos a seguir tem como base o Livro de atas da Sociedade Metodistas Senhoras (SMS) abrangendo o período de **04/03/1951 - 05/08/1962**.

A Sociedade Metodistas Senhoras é provavelmente o grupo societário mais antigo de nossa igreja. A ata de 04/03/1951 (a ata mais antiga da igreja) trata da reunião de criação deste grupo societário.

A Sociedade Metodistas Senhoras se iniciou com nove sócias tendo em sua diretoria: Presidente: Zulmira Nascimento Moraes; Secretária: Aparecida Gomes; Tesoureira: Elza Correia Gonsalves; Departamento de Ação social: Jael Silva Rocha (arrecadar recursos financeiros); Departamento de Cultivo Espiritual: Maria Policarpo; Departamento de Missões: Maria Belmonte (Cultos de evangelização); Departamento de Literatura e recreação: Zulmira Nascimento Moraes (festas e brincadeiras); Agente da Voz Missionária: Aparecida Gomes.

Esta reunião teve como convidado de honra o reverendo Oscar Chaves (Igreja Cristã Presbiteriana). A presença de um pastor de outra denominação decorreria de não termos ainda um pastor efetivo.

Observa-se desde a primeira ata a importância da revista “Voz Missionária” na vida da Sociedade Metodistas Senhoras, pois existia na diretoria uma agente da “Voz Missionária”. Além disso, ao lermos as demais atas, encontramos uma série de atividades visando divulgar a revista: Campanha da “Voz Missionária”, Dia da “Voz Missionária” e trechos de atas que mostram como a “Voz Missionária” fazia parte das atividades da Sociedade Metodistas Senhoras:

“Foi lido um comentário na voz missionária sobre “o meu Cálice transborda”

“Festa das legionárias da voz Missionária: para angariar assinatura foram divididas a sociedade em dois partidos, azul e amarelo, sendo a presidente do partido azul”. (Ata de 03/04/56)”

As reuniões eram animadas. A primeira sócia a chegar à reunião recebia uma “lembrança” e havia ainda a homenagem às aniversariantes do mês com oração e “bolo das velinhas”. A seguir transcrevemos alguns trechos de atas que nos dão uma idéia de como eram as reuniões da Sociedade Metodistas Senhoras:

“Acta da Reunião da S.M.S. Deu início com uma estrofe do hino 465 e oração pela sócia Benedita Marques. Encerrada a parte devocional deu se inicio a parte de negócios Em seguida foi feita a chamada do rol registrando a presença de 12 sócias ativas e 1 auxiliar e 12 visitas. Foi lida a ata anterior. Em seguida a secretaria e os superintendentes apresentaram seus relatórios, sendo aprovados. Foi encerrada a reunião com uma oração pela sócia Malvina Pupo e a divisa (lema da sociedade - versículo).”

Comentário: o lema da Sociedade Metodistas de Senhoras era **“Viver para Servir”**

“Foi apresentado o nome de dona Odilia Mench como sócia da S.M.S, sendo aceita por todas. Esta sócia deu como presente um jogo de crochê muito bonito e valioso. Pela sócia Julia Barbosa Pupo foi lida a recomendação do Concílio Regional para a S.M.S. Dona Cecília Fiorini propôs que o trabalho de costura seja feito todas as quintas feiras da semana das 15 às 17:00 horas”

Comentário: o processo de entrada na Sociedade era bastante simples

“ O pastor sugeriu que a sociedade realizasse um trabalho no Maringá Velho Dona Julia B. Pupo propôs que se fizesse na terça feira, sendo aceito por todas”

Comentário: A Sociedade Metodista de Senhoras apoiava todas as atividades da igreja. Neste trecho de ata o pastor convida a Sociedade Metodista de Senhoras para participar de um trabalho de evangelização, recebendo de imediato uma resposta positiva.

A Sociedade Metodista de Senhoras também promovia e divulgava eventos da igreja como, por exemplo: Palestra: “Família controlada” Anita Cordeiro - 01/10/1961.

As eleições (anuais) ocorriam em dezembro. Formava-se a “comissão de chapa” definindo-se as candidatas e a eleição era feita pelo pastor.

Para a arrecadação de fundos, além das mensalidades havia as festas: dos 12 meses – do branco e preto - do sapato - das bonecas vivas - da caixa de fósforos - do peso - do telegrama - de palco - do avental.

Para a arrecadação de fundos havia ainda o denominado “trabalho do mês”: da luva - de alforje - do avental - um dia para Cristo - do cafezinho – do talento - do peso - da cesta voadora - das margaridas - da laranja - do sapato - dos sapatinhos - cinto a 50 centavos o centímetro - do pano de prato - trabalho com envelopes intitulados “minha oferta de gratidão”.

Outras formas de arrecadação eram: pesca maravilhosa - cafezinho da amizade - mesinha da amizade - escola da boa vontade – jantares – canja – telegramas - amigo secreto - venda de quadros - dia da cesta voadora.

As formas de arrecadar recursos, conforme extraído das atas ainda inclui:

“.... cada uma terá de fazer roupinhas e vender”

“... que se faça uma social com venda de utensílios para enfeite do lar, por exemplo, quadros etc ...

“ ... a sócia Maria Belmonte propõe que sejam abertos os aventais dos partidos amarelo e azul Cujo resultado alcançou o total de Cr\$ 367,00” – Ata de 18/05/1952

“ Foi resolvido que a Sociedade Metodistas de Senhoras trabalhe com a feira das quatro estações do ano ... Que se façam quatro barraquinhas e cada uma tenha artigos de venda de acordo com a estação, e que se faça toda a espécie de trabalho de mão para ser vendida, toda espécie de doces e salgados e churrasco Cada departamento com uma estação ” – Ata de 25/07/1953.

“Dona Francisca Prado propôs que fosse feito um trabalho “um dia de serviço de cada sócia”. Ata de 06/01/1957

A seguir apresentamos alguns exemplos de participação da Sociedade Metodistas de Senhoras na vida financeira da Igreja.

a sociedade decide disponibilizar seus recursos para a construção do templo - Ata de 25/07/1951.

a junta de ecônomos pediu um empréstimo para o pagamento da casa pastoral; foi posto em votação e aceito por todas. Ata de 26/03/1954.

o pastor elogiou a sociedade pelo seu trabalho de cooperação com a comissão de construção. Ata de 11/10/1959.

A sócia Eunice Renschaw propõe a entrega de CR\$ 1000,00 para a construção.

A sócia Benedita Moraes propõe que a sociedade trabalhe para pagamento dos terrenos e da casa pastoral.

Recebe a incumbência do gabinete pastoral de dar CR\$ 1000,00 para consertos da igreja e casa pastoral.

Propõe que 10% de todo dinheiro que a sociedade levante fique para a compra de utensílios domésticos para a igreja.

Ofertas para a Federação.

Recursos para custear a viagem de delegadas a congressos.

Compra de duas camas de solteiro para o quarto de hospede.

Oferta para o lar da criança de Penapolis.

Compra de um terreno para o lar da criança de Penapolis.

Construção da casa do zelador e um quarto para a irmã Sumiko.

Cesta da ação social.

Havia uma participação intensa nas atividades educativas e sociais da Igreja. Vejam os exemplos.

Criada a Sociedade Metodista de Crianças - Ata de 10/06/1951.

Festa do filho secreto – dia das mães - Ata de 15/04/1954.

Jantar espiritual - Ata de 26/05/1954.

Escola da boa vontade - Ata de 27/06/1954.

É decidido organizar um berçário - Ata de 08/08/1955.

Trabalho em costura: todas as quintas.

Curso: trabalho de agulha.

Hospedagem de congressistas.

Escola prática de receitas gostosas Ata de 02/07/1961.

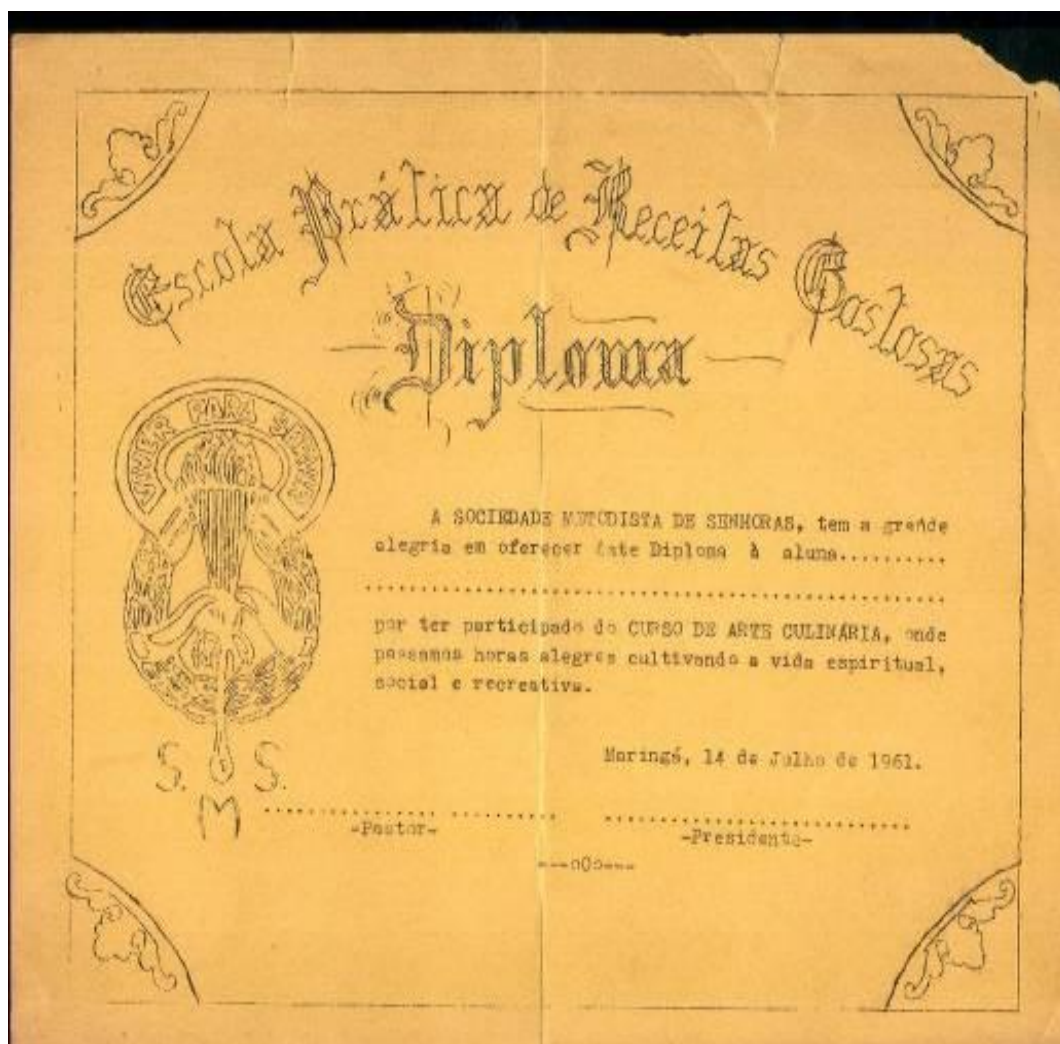
As participantes recebiam um diploma.



Reverendo Osvaldo de Souza entrega o diploma à senhora Ermelinda Menck. Ao fundo Eloide Souza – esposa do pastor

Observações:

1. O Diploma encontra-se ampliado logo abaixo.
2. Observe ao fundo o simbolo da Sociedade de Senhoras Metodistas – Viver para Servir.



O balancete das atividades desenvolvidas no ano de 1960 (Ata de 08/01/1961) apresenta as seguintes informações

Cultos realizados: 54
Presentes: 1495 pessoas
Visitas feitas: 474

Havia uma participação intensa nas atividades missionárias da igreja. Vejam os exemplos.

Culto na cadeia no domingo às 15:00 – 1 cada mês. Porém, na ata de 01/10/1961 lemos: *“transfere o trabalho na cadeia a sociedade de homens” “e Dona Vitoria foi portadora da notícia de que eles aceitaram também”*

Culto no Maringá velho às terças feiras

Culto de evangelização nos domingos 16:00 - (distribuição de folhetos + visitas)

Escola Dominical da vila Morangueira

Culto nos lares (1 por semana): culto do bebe (que era presenteado com uma bíblia), pessoas que estão ausentes na igreja, na casa de simpatizantes.

Reuniões de estudos bíblicos

Semana de oração – (última semana do mês)

Finalizando apresentamos alguns fatos interessantes extraído das atas

08/04/1951 *“Agradece o irmão José Gomes o para-vento feito para a Igreja”*
Comentário: a necessidade de um para vento mostra a precariedade das instalações

15/04/1954 *“A presidente exortou as sócias a fazerem propaganda para a Missionária japonesa que vem fazer trabalho nos dias 19, 20 e 21 de abril”*

Comentário: provavelmente Sumiko Miyamoto cujo trabalho desenvolvido através do Instituto Luz Amor contou com apoio expressivo da igreja desde seu início.

“ a sociedade se reuniu para fazer sindicância nas casas dos pobres desta cidade em cooperação com outras igrejas”

Comentário: havia trabalho em cooperação com outras igrejas

“Relatório da comissão para comprar pratos (Irene Ferreira e Maria Belmonte) ... Foram Compradas por esta comissão, quatro dúzias de pratos e quatro dúzias de colheres num total de Cr\$ 640,00 .

Comentário: havia prestação de contas bem detalhadas

01/10/1961 – *“Estará conosco dia 28 a convite de nossa sociedade o jovem Newton Tuller”.*

Comentário: que se tornaria o conhecido pastor Newton Tuller

05/08/1962 - *“a reunião foi realizada na sala da sociedade”*

Comentário: não sei se era exclusiva, mas tenho certeza de que elas mereciam!

07/12/1958 Foram nomeadas as delegadas ao congresso: Dona Maria José e Percida
Comentário: Percida era a minha mãe que foi eleita para o departamento de ação social da Sociedade Metodista de Senhoras conforme consta na ata de 04/03/1962

EPÍLOGO

O livro de Atos conta a história do nascimento da Igreja. Trata-se do único livro da bíblia que não possui um encerramento. Seus últimos dois versículos foram assim escrito: *“E Paulo ficou dois anos inteiros na sua própria habitação que alugara, e recebia todos quantos vinham vê-lo; Pregando o reino de Deus, e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo, sem impedimento algum. Atos 28:30-31”*.

O que teria acontecido a Lucas, o provável autor do livro de Atos? Enquanto escrevia estes versículos teria ele sofrido um infarto fulminante? Quem sabe surpreendido por “uma voz de prisão” já que o cristianismo ainda estava na ilegalidade. Teria ele feito uma pausa para depois concluir o texto, mas então algum problema teria ocorrido?

Enfim são inúmeras as possibilidades e os teólogos apresentam muitas teorias em relação a esta questão.

Embora não saibamos a resposta desta questão temos a certeza de que havia o propósito de Deus para que o livro de Atos não tivesse um fechamento.

Por quê? Porque a história da igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo ainda não esta concluída. Muito pelo contrário, esta história esta em andamento. Algumas vezes sacudida por acontecimentos marcantes como o edito de Milão, a reforma protestante, os movimentos de avivamento mas, certamente, em sua maior parte, construída por decisões, atitudes, acontecimentos e fatos aparentemente insignificantes.

Decisões aparentemente insignificantes como a do Senhor Gerson Sampaio de Moraes na reunião da Junta de Construção do templo de 08/09/1951: *“Prometeu ainda o Sr. Presidente, embora não houvesse dinheiro em caixa, iniciar por sua conta própria a construção do futuro templo, assumindo a responsabilidade”*

Atitudes aparentemente insignificantes como este trecho de uma das atas da Sociedade Metodista de Senhoras onde lemos: *“O senhor Benedito Ferreira (Ditão), disponibilizará o caminhão”* e a atitude corajosa da “mulherada” de subir na carroceria do caminhão (não incluída na ata).

Acontecimentos aparentemente insignificantes como o relatado na ata da Sociedade Metodista de Senhoras de 03/04/1960: *“Apesar da chuva que desabou tivemos 18 sócias presentes e nove visitas”*

Fatos aparentemente insignificantes como o relatado na ata da Sociedade Metodista de Senhoras de 01/10/1961 *“Apesar da falta de luz iniciou a reunião”*.

Pedidos aparentemente insignificantes como o encontrado na ata de 08/03/1959: *“A presidente pediu às sócias que visitassem a irmã Percida Bazotte que se encontra acamada”*. Minha mãe teve uma gestação de alto risco. Passou praticamente todo o tempo acamada. Ela já havia perdido quatro antes de mim e o medico decidiu interromper a gravidez. Não tenho duvida de que estas mulheres oraram por minha mãe e por mim. E Deus honrou as orações destas mulheres pois na ata de 11/10/1959 lemos *“Dia 18 culto do bebe na casa da dona Percida”*

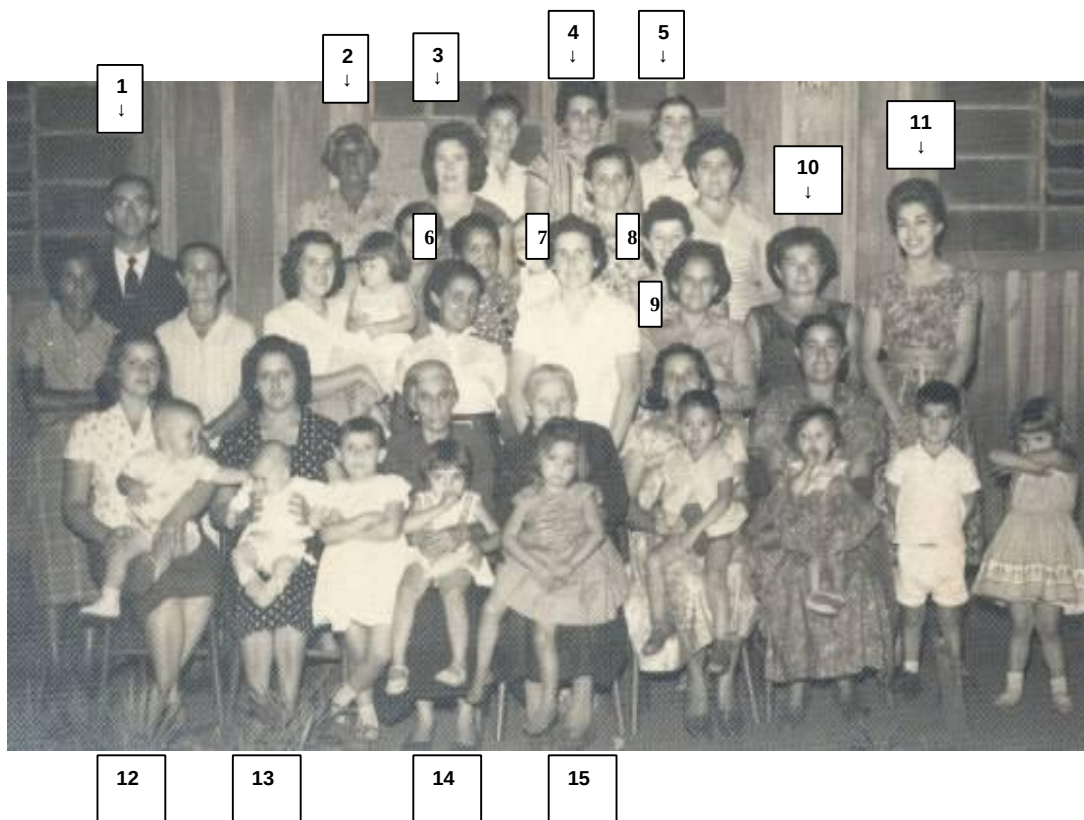
Que privilégio, antes de completar um mês de vida (nasci em 22/09/1959) já estar participando de “um culto”. As senhoras Metodistas costumavam presentear o bebe com uma bíblia. Então antes mesmo de completar um mês eu já tinha uma bíblia!

Foi ao ler este trecho da ata que brotou em meu coração o desejo de relatar os fatos que encontrei nas “velhas atas” de nossa igreja.

Decisões, acontecimentos, fatos e atitudes de pessoas que não são nome de rua, que não possuem um busto em praça publica. Cujas histórias é desconhecida pelos seus próprios pares, mas que deram continuidade a uma bela história iniciada no dia de

pentecostes. Uma história que só irá se encerrar no dia em que Nosso Senhor Jesus Cristo vier reencontrar sua Amada Igreja.

E enquanto Ele não retorna prossigamos em nosso trabalho, mesmo que pareça insignificante. Pois só na Glória desfrutando da alegria de estar na presença de Deus por toda a eternidade é que poderemos entender o serviço prestado por esta pequena comunidade onde a Fé e a Esperança venceram a poeira, a lama, a fumaça e a escuridão.



Sociedade Metodista de Senhoras – Viver para Servir

1. Reverendo Osvaldo de Souza – **2.** Benedita Moreira – **3.** Minerva – **4.** Neusa (esposa do Ditão) – **5.** Odila Menck – **6.** Dona Geralda – **7.** Eloide – **8.** Hilda. - **9.** Maria de Jesus - **10.** Maria Belmonte - **11.** Terezinha - **12.** Percida (no colo: Roberto B. Bazotte) – **13.** Helena Barbosa – **14.** Lídia - **15.** Ermelinda Menck.

AGRADECIMENTOS

Informações gerais sobre a igreja Metodista no Brasil foram obtidas no site: www.metodista.org.br.

Em relação ao histórico de Maringá e do Norte do Paraná abordado no primeiro capítulo, a principal fonte de informações foi o texto: Fragmentos da história do Norte do Paraná em textos e imagens – Certidões de nascimento da história: o surgimento de municípios no eixo Londrina – Maringá, de Paulo César Boni que pode ser acessado em: <http://www.uel.br/pos/mestrado/comunicacao/wp-content/uploads/certidoes-de-nascimento-da-historia-completo.pdf>.

Agradecemos ao pastor **Eliei Cordeiro** por ter disponibilizado os livros de atas da igreja. Nossa principal fonte de informações.

Somos gratos à **Marli Ayres** que por ocasião das comemorações dos 60 anos da igreja realizou um magnífico trabalho entrevistando pioneiros da igreja. Foi a partir deste material que extraímos preciosas informações que não constavam no livro de atas.

Foram muito importantes os depoimentos fornecidos pelo pioneiro **Waldemar Marcos da Silva**. Waldemar e sua irmã Waldete, vieram de Assai (SP) para Maringá em 1947 com seus pais Sebastião Marcos da Silva e Antonia Marcos da Conceição. Na época, Waldemar tinha nove anos e Waldete, um ano.

Fizemos um trabalho semelhante ao de Marly Ayres entrevistando pessoas que viveram os primeiros anos de nossa igreja, onde destacamos as informações e fotografias fornecidas pelo casal **Marcílio Ferreira Silva - Vitoria Ferreira Silva** e pela irmã **Laurentina Chaves Romero**.

Queremos ainda destacar o belíssimo painel feito pela irmã **Célia Regina Boni Navarra** onde o antigo e o novo templo foram condensados em uma única pintura e que aproveitamos para “transformar em capa deste livro”.

Aproveito a oportunidade para agradecer algumas pessoas que pelo seu exemplo influenciaram minha caminhada na Igreja. O pastor Joel Medeiros da Silva. Os companheiros de ministério gideônico, os casais: Newton e Maria Gama – Isaías Antonio da Silva e Lair; aos sempre presentes na Escola Dominical: Marcílio Ferreira Silva - Vitoria Ferreira Silva e aos zeladores da igreja José Vieira Coutinho e Gasparino Guedes da Silva.

Sou também agradecido a todos aqueles que cuidaram da igreja nos anos em que estive afastado e que me acolheram de braços abertos quando decidi retornar.

A todos estes amados irmãos e irmãs minha eterna gratidão e a DEUS TODA HONRA E TODA GLORIA.

Maringá, 14 de julho de 2012

Data em comemoramos o 65º ano da Igreja Metodista em Maringá

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Relação de nomes que se encontram no LIVRO DE ATAS DA SOCIEDADE METODISTA DE SENHORAS no período de 04/03/1951 - 05/08/1962.

Abgail Diniz - Alair Rocha - Amália - Ana Felk - Ana Gomes - Anália dos Santos - Anita Cordeiro - Antonia Marques - Antonia Vieira - Alcinéia - Armelinda Menck - Ataliba Vilar - Avelina - Áurea Brianez - Aurinda Rosa Memdonça - Aurora Guimaraes - Alcina de Oliveira - Aparecida Gomes - Antonia Marcos - Avelina - Benedita de Souza - Benedita Marques da Silva - Benedita Moreira - Benedita Moraes - Cecília Fiorim - Cecília Maria de Jesus - Celita Mendes - Clara Pereira - Damaris - Dica Moraes - Dolores Garcia de Oliveira - Elisabeth Prado - Eloyde A Souza - Ercilia Araujo - Eunice Renchaw - Francisca Prado - Eloide de Souza - Eloide de Cassia - Elza Correia Gonsalves - Elza Silva Lima - Ercilia Machado - Geni de Souza Pinheiro - Jenir De Souza - Geralda Marta - Giselia de Oliveira - Guiomar Gomes - Helena Barbosa - Helena de Souza - Hela de Souza - Hercilia Machado - Iracema - Irene Ferreira Andrade - Isabel Ferreira - Isabel Pereira - Jael Silva Rocha - Joséfa Nadir Pinheiro - Judite Geraldo - Junia Andrade - Julia Barbosa Pupo - Lair Rocha - Lia Mateus - Lola Nascimento - Lucina de Musio - Malvina J.G Leite - Malvina Barbosa Pupo - Margarida Mendes - Margarida Lucente - Maria Conceição Moreira Barbosa - Maria Barbosa Leite - Maria Belmonte - Maria Brandão - Maria Conceição Andrade - Maria de Jesus Oliveira - Maria Eugenio Pinheiro - Maria Garcia Maldonado - Maria José Barbosa Leite - Maria de Loudes - Maria Moraes - Maria M Siqueira - Maria Policarpo - Maria Rosa Inocencio - Maria Peres Maldonado - Maria Soares - Maria de Jesus Oliveira - Mariana Dias - Marta Barbosa - Marta Silva - Minerva de Campos Lopes - Minervina Silva - Miria da Silva - Nadir Brito - Neusa Ferreira Aguiar - Neusa Borges - Nilce Batista de Barros - Odila Menck - Olivia dos Santos - Paulina Faria - Percida Barbosa Bazotte - Rosa Araujo - Rosa Guimarães - Ruth Mateus - Sebastiana Silva - Silvia Ramos de Paula - Tereza Enrique Gimén - Tereza Martins - Terezinha Barbosa da Siva - Trindade Siqueira - Vilma Demétrio - Vitoria Ferreira Silva - Yeda dos Reis Carvalho - Zélia dos Anjos Samesima - Zulmira Nascimento Moraes.

Pessoas cujos nomes aparecem em outras porções do texto

Acássio Barbosa - Alfredo Rodrigues Vilar - Antonia Marcos da Conceição - Aparecido Barroso - Arquileu Gonsalves - Arquilino dos Santos - Aureliana de Oliveira - Daniel Damásio - Eliezer Diniz - Ely Vieira Prado - Elizabeth Prado - Ermelinda Menck - Ernesto Menck - Frederico Menck - Gerson Sampaio de Moraes - Jael Moraes e Silva - José Carlos de Moraes - José Carlos Sampaio - José da Conceição Monteiro - José Pinheiro - João de Oliveira - João Maldonado - João Zenthof - Joaquim Barbosa Leite - Joaquim M. Moraes - Joaquina Moraes Sampaio - Jonas de Oliveira - Josué Barbosa Leite - Laura Pereira - Laurentina Chaves Romero - Leila Moraes - Lídia Maldonado Zago - Maria Chantiz - Maria Peres Pepineli Maldonado - Marcílio Ferreira Silva - Marta Martins - Mauricio Roberto - Natanael Gonsalves de Paula - Neide Moraes - Nilce de Barros - Pedro Inocêncio da Silva - Rev. Antônio Margarido Mendes - Rev. Erculano Sampaio - Rev. Francisco Brianez - Rev. Osvaldo de Souza - Rev. Parker Reshaw - Rodrigues Vilar - Rubens de Almeida Pupo - Santiago Maldonado - Sebastião de Souza - Sebastião Marcos da Silva - Sebastião Marques - Silas M. Gama - Sumiko Miyamoto - Vicente Francisco Siqueira - Tito P. Prado - Waldete Marcos da Silva - Waldemar Marcos da Silva - Waldolino Marcos da Silva.



Sociedade Metodista de Senhoras – Viver para Servir - 1. Dona Geralda - 2. Edna - 3. Jael – 4. Pascoalina – 5. Iliaci - 6. Minerva - 7. Benedita Moreira - 8. Leni Braga - 9. Maria Catani Gama - 10. Elsa Timóteo - 11. Maria José - 12. Odete Torres - 13. Cezira.



Encontro de Senhoras Metodistas – 1. Anita Cordeiro - 2. Marta Ortigoza

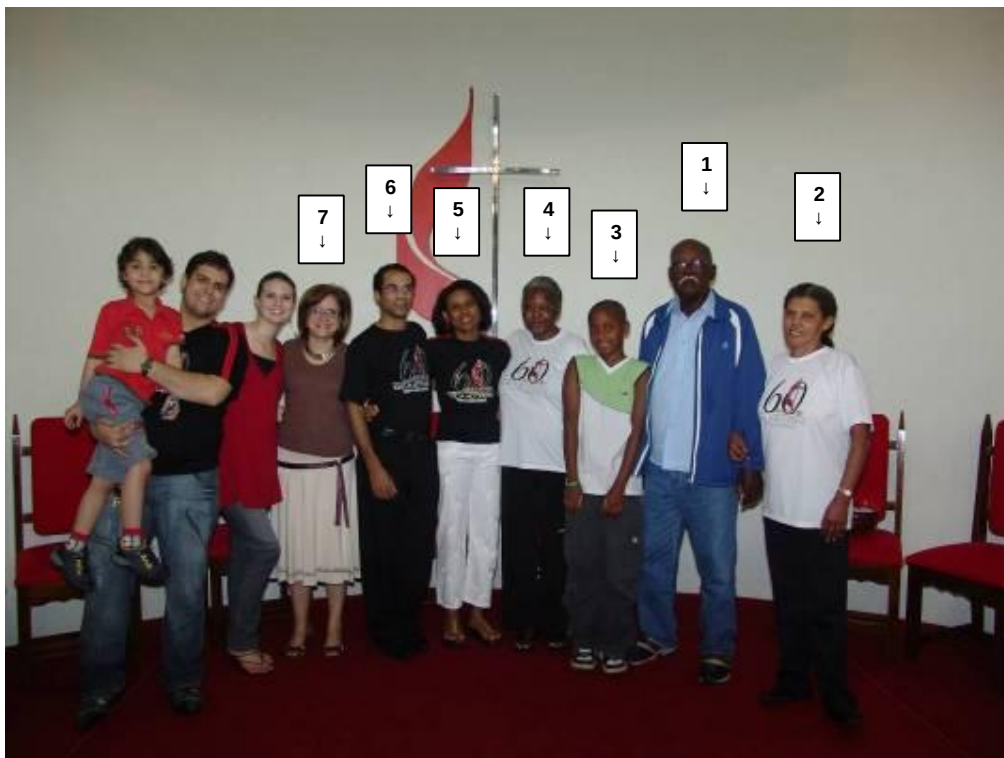


Igreja Metodista de Maringá: 1. Reverendo Osvaldo de Souza. 2. Marcílio Ferreira Silva. 3. Vicente Francisco Siqueira. 4. Sumiko Myamoto. 5. Acássio Barbosa.



1. “Alicate”. 2. Eloide. 3. Reverendo Osvaldo de Souza. 4. Sumiko.

Comentário: nesta foto nos chama atenção a diversidade de instrumentos musicais e a convivência harmônica da sanfona, violino, flauta, violão, cavaquinho e o órgão.



Pioneiros da igreja Waldemar Marcos da Silva (1), sua esposa Lourdes (2), o neto Wesley (3), sua irmã Waldete (4), sua filha Marlete (5), seu genro Cláudio (6). Ainda na foto Tânia (7), sua nora e seu filho Felipe Prado, descendentes de pioneiros da igreja.



Pioneiros da Igreja: senhor Aparecido Barroso e esposa



Pioneiros da Igreja

Laurentina Chaves Romero e Marcílio Romero Rodrigues.

Abaixo: **Boletim da Igreja Metodista** de 12 de Janeiro de 1964, onde gostaríamos de destacar a lista de revistas adotadas pela igreja: Bem-te-vi, Cruz de Malta, Homens em Marcha, Expositor, Flâmula Juvenil, No Cenáculo, Voz Missionária.



BOLETIM

IGREJA METODISTA

Rua Deputado Nêo Alves Martins, 1648 - Fone, 1707 - Cx. Postal, 366

MARINGÁ — Estado do Paraná

ANO IV - 12 de Janeiro de 1964 - Nº 2 D.I.

Entes são os novos oficiais já empossados para a administração das organizações no presente ano eclesialístico de 1964:-

Guia-leigo: Marcílio da Silva

Sinodo da R.D. (sede): Jonas Vieira da Silva de Romeiros; Miguel Garcia e de São Jorge do Ivaí: Waldemar Manoel dos Santos.

3.º.º.º. da Assembléia: Divani Gonçalves, Agente da "Expositor"; Vicente Siqueira, Bibliotecário da Igreja; Deslinda Torres, Comissão de Ação Social; Vitoria da Silva, Maria de Jesus, Maria Belmonte, Jullia B. Pupo e Juel Silva Rocha, Comissão de Música; Yacko Miyamoto, Sumiko Miyamoto e Elvilde A.A. de Souza, Comissão de Evangelização; Alvaro de Souza, Floriano Torres, Santiago Maldonado, Caubi Ferrari e Geraldo Garcia Y Garcia, Esportes; Frederico Mencke, Sumiko Miyamoto, Marcílio da Silva, Vicente F. Siqueira, Minerva Campos Lopes, Floriano Torres, Santiago Maldonado e Jullia B. Pupo.

4.º.º.º. Concílio Paroquial: Elegeram para Secretária Registradora: Zeladete M. Torres e Arquivista: Flávia F. Pinheiro, Comissão de Exame dos Livros das Secretarias: Jullia B. Pupo, Maria de Jesus Oliveira e Martha B. Barbosa e para a Comissão de Exame dos Livros das Tesourarias: Marcílio da Silva, Jonas V. da Silva e Floriano Torres.

S.M. Senhora: Hoje Culto do Bem-te-vi em casa de D. Raquel dos Santos às 16.00 horas. (quatro).

S.M. Jovens: Hoje após o estudo da lição da R.D. realizará sua 1ª reunião ordinária. Não falte.

S.M. Homens: Também hoje realizará sua 1ª reunião ordinária logo após a R.D..

Culto Público: Às 20.00 horas com mensagem evangélica pelo Prof. Paulo Onési e Affini, de São Paulo.

5.º.º.º. Concílio Regional: Será realizado em Lins, Est. de São Paulo, dos dias 21 a 26 de fevereiro. Os irmãos deverão em suas reuniões, elevarem suas preces de súplicas a Deus para o bom êxito do Concílio. Na ausência do Pastor o irmão Guia-Leigo responderá. Sendo o caso responderá pelo direção dos trabalhos, nos dias da ausência do Guia-Leigo.

LITURGIA DA IGREJA: - Atenção para os novos preços das literaturas a partir do dia 12 de fevereiro.

Bem-te-vi + de 10...	600,00
Cruz de Malta - col...	600,00
Homens em Marcha "	300,00
Expositor	500,00
Flâmula Juv.....	300,00
No Cenáculo.....	300,00
Voz Missionária.....	200,00

Recorre hoje fazer sua assinatura



Hoje é o domingo da ENTREGA DOS DÍZIMOS E OFERTAS.

Quira depositar seu envelope amarelo que corresponde a sua oferta de DEZEMBRO 63.

A Junta dos Economos está contendo sua oferta para o pagamento da cota dos Documentos Regionais.

Ofertai com alegria e amor.

AGRADECIMENTO: - Agradecemos ao Sr. Paulo de Kerr Affini pela sua visita e cooperação nos trabalhos de nossa igreja. Desejamos-lhes um ano feliz e abençoado nas atividades em Santo André.

DA DO PASTOR: A Família Pastoral agradece de coração aos irmãos e organizações que vieram visitá-lo. Pelas lembranças, presentes e 138 palavras...



Reverendo Osvaldo Souza (Direita) durante **17º Concílio Geral da Igreja Metodista** (7 a 14 de julho de 2001). Do lado esquerdo: Marcílio Ferreira da Silva



Turma da Escola Dominical: Lázaro, Frederico Mencke, Vitória e Marcílio.



Coral da Igreja Metodista - 1. Elisabeth Prado 2. Vitória 3. Catarina 4. Kiomi 5. Yaeko 6. Elisa 7. Edna. Ao centro Don Jaime Luiz Coelho.



Casamento – Edson e Terezinha – realizado ainda no “Templo de madeira” pelo reverendo Richard dos Santos Canfield



Turma que “pega no pesado”: Daniel, Gilmar, Edilson, José Vieira Coutinho e Inez, Paulo Tiujo e Cida Tiujo, Jaime e Regina



Turma que “pega no pesado”: Seu José, Lourival, Jonas, Edilson, Liel, Altamir



Igreja Metodista: uma grande família



Excursão ao Egito/Israel (Maio de 1998) – pastor Nevair (1), Iraci (2), Erika (3), Lourdes (4), Deonilde (5), Luzieda (6).



Igreja Metodista: nossos pastores



Igreja Metodista: nosso Bispo